



Por **Lorenza**

“A grandeza de uma alma, revelada na simplicidade de um desenho”

DE COMO SE FAZ O EXCLUSO ¹

Claudio Alves Benassi (Cao BENASSI)

¹ Não preciso de uma cultura,

Não preciso de uma identidade,

Não vou requerer língua nenhuma,

culturas: EU SOU.

posso transitar livremente entre elas.

Língua: é patrimônio de todos.

Cultura: é o diferente? É o exótico? É o significado que o homem mesmo teceu? É Geertz... o homem está mesmo amarrado na teia de significados que tece! O Stuart... aquele... ele mesmo, o Hall disse que cultura não pode mais ser concebida com o sentido estrito de acumulação de saberes ou de processo estético, intelectual e espiritual (Stuart Hall, 1997). E o que disse um tal Salhins?

A cultura é submetida a um duplo empobrecimento conceitual: reduz-se-a a um propósito funcional particular – marcar a diferença – e constrói-se, a partir daí, uma rápida história de suas origens impuras nas entranhas do colonialismo ou do capitalismo. Primeiramente, o conceito é interpretado como um instrumento de diferenciação social. “A cultura”, escreve Lila Abu-Lughod, “é uma ferramenta essencial para a fabricação de alteridades (SALHINS, 1997, p. 43).

Identidade híbrida? Flutuante? Diáspora? Acho melhor: o sujeito unificado e poderoso da filosofia moderna passa a ceder lugar a um sujeito descentrado, pós moderno, despojado de uma identidade fixa, essencial ou permanente. Não é mesmo Foucault? (1989).

Nossa é (SÃO) a(S) língua(S):

Ela(S) é (SÃO) de todos nós!

Somos por ela(S) constituídos, como também a(S) constituímos (Bakhtin, 2010):

ela(S) está(ÃO) em todos (NO MEIO DE) nós!